

## TELEVISÃO E ESPETÁCULO: O TALK SHOW CASOS DE FAMÍLIA

Juliana Cristina da Silva<sup>1</sup> Leda Verdiani Tfouni<sup>2</sup>**Resumo**

Este artigo tem como objetivo discutir, a partir do referencial teórico e metodológico na Análise do Discurso pecheutiana, como a visibilidade que o talk show Casos de Família dá aos seus convidados converte seus depoimentos em espetáculo, pelo qual a exposição se justifica por si mesma. Através da análise do programa com tema “Gravidez na adolescência”, evidencia-se como os participantes produzem discursos identificados com formações discursivas dominantes, mas que em diversos momentos – quando a irrupção do real de suas experiências de vida surge como acontecimento em seus depoimentos – o discurso se desloca para formações discursivas outras, abrindo-se para a polifonia. No entanto, as reações da apresentadora e da plateia controlam a dispersão, indicando quais são os sentidos possíveis de serem produzidos naquele contexto, e que estão de acordo com uma ideologia dominante e de senso comum. O resultado é um fechamento dos sentidos, numa produção contínua do mesmo, da repetição.

**Palavras-chave:** Análise do discurso. Mídia. Espetáculo.

**Abstract**

This article aims to discuss, from the theoretical and methodological perspective of pecheutian Discourse Analysis, how the visibility that the talk show “Casos de Família” (“Family Cases”) provides its guests converts their statements into spectacles, by which the exposure is justified in itself. By means of analysis of the episode themed as “Teenage pregnancy”, it is evidenced how

participants produce discourses that are identified with dominant discursive formations, but which at several occasions - when the eruption of the real experiences in their lives emerges as a happening in their statements - shift into other discursive formations, opening up to polyphony. However, the reactions of both the host and audience control the dispersion, indicating which meanings are allowed to be produced within that context, these being in accordance with a dominant and common-sense ideology. The result is a closure of meanings, in a continuous production of the same, a repetition.

**Keywords:** Discourse analysis. Media. Spectacle.

**1. Introdução**

Os meios de comunicação de massa relativizam e reestruturam as fronteiras entre o âmbito público e privado nas sociedades contemporâneas: por um lado, a circulação pública de acontecimentos mediados se dá no domínio privado e de forma fragmentada; por outro, há o crescimento da exposição pública da vida íntima das pessoas.

A família, por exemplo, é retratada pela mídia de diversas maneiras; no entanto, percebe-se a predominância da presença de modelos familiares baseados em um modo de vida específico, o da classe média. É o que se pode assistir na grande maioria das novelas e peças publicitárias.

Não que a família “popular” não seja retratada. De acordo com Adorno e Horkheimer (2000[1947]), as diferenciações na qualidade e/ou de público alvo dos produtos da indústria cultural “servem para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los” (p. 172), de maneira que, as diferenças entre os produtos culturais criam a aparência de possibilidade de escolha,

<sup>1</sup> Psicóloga, mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, bolsista CNPq.

<sup>2</sup> Professora Titular Sênior do curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP; pesquisadora do CNPq.

<sup>3</sup> Parte das reflexões apresentadas nesse artigo foram elaboradas na monografia intitulada “A TV e seus Casos de Família” (SILVA e TFOUNI, 2012), realizada como conclusão do programa de formação em pesquisa, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP), pela primeira autora.

numa indústria que é de fato altamente homogeneizante. Este texto pretende analisar de que maneira são apresentados os convidados que participam do *talk show Casos de Família*<sup>3</sup>, produzido e veiculado pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), cujos participantes são selecionados em bairros da periferia de São Paulo (GOMES, 2007). Tomou-se como *corpus* de análise o programa exibido no dia 16 de agosto de 2010, que teve como tema “Gravidez na adolescência”.

O Programa, atualmente comandado pela jornalista Christina Rocha, é exibido no período da tarde<sup>4</sup> pelo canal SBT, de segunda à sexta-feira. Christina Rocha, atual apresentadora, substituiu a Regina Volpato, que esteve no comando do programa entre 2004 (ano de estreia) e 2009.

Cada programa tem um tema, que é desenvolvido a partir da apresentação de, geralmente, três “casos de família”. São chamados para dar seu depoimento dois convidados que estão diretamente envolvidos no caso, e que apresentam duas versões, geralmente opostas, sobre o mesmo conflito. Além disso, há o depoimento de uma terceira pessoa, que conhece os convidados, mas que não está diretamente envolvida.

O diálogo é direcionado à apresentadora, a plateia intervém com palmas e vaias, ou é chamada pela apresentadora para fazer perguntas e/ou sugestões aos convidados. Ao final da exposição dos casos, a apresentadora formula questões e/ou faz um breve resumo do que foi exposto a uma psicóloga, que dá seu diagnóstico e sugestões aos participantes.

Esses diversos “personagens” que compõe o *talk show* contribuem para criar um efeito de sentido a partir do qual o programa se apresenta como um espaço de debate democrático, onde seria possível se manifestarem versões diferentes dos casos apresentados. A participação da plateia garantiria a manifestação da “opinião pública”, enquanto que os psicólogos representariam a voz da ciência. Este trabalho pretende evidenciar como esse efeito é apenas espetacular: os participantes reproduzem um discurso dominante e de senso comum, no qual não há espaço para a polifonia.

Servindo como palco para exposição de seus dramas e conflitos dos participantes, o programa transforma acontecimentos corriqueiros em notícias bombásticas, em cenas tragicômicas. Longe de ajudar na busca de uma solução, como a presença de um psicólogo que comenta os casos poderia supor, a exposição se justifica por si mesma.

Produtos televisivos como *Casos de Família*, baseados em depoimentos sobre a vida cotidiana, particular, amorosa e sexual das pessoas, não são uma exceção na televisão. Segundo Ilana F. Marzochi (2007), os *talk shows* e *reality shows* fazem parte de uma disseminada tecnologia de poder calcada num regime de visibilidade hegemônico.

Em consonância com o que Foucault (1988) chama de biopoder: um poder que não é exclusivamente repressivo, mas que se apresenta de maneira produtiva e que promove o ajustamento dos fenômenos populacionais aos processos econômicos; esse regime de visibilidade, segundo Marzochi (2007), promove uma pedagogia social no âmbito audiovisual “por meio da qual se criam e se compartilham repertórios consensuais de modos de gestão da própria vida - como a produção alterdirigida do corpo, do comportamento e de uma imagem de si performativa” (p.22)

## 2. Mídia e Ideologia: A Produção do “fast-food cultural”

A mídia, em especial a televisão, se tornou parâmetro do acesso à existência social e política de fatos e pessoas. Em contrapartida, é notório que boa parte de sua programação se dedique às notícias de variedades: “[...] são fatos que, como se diz, não devem chocar ninguém, que não envolvem disputa, que não dividem, que formam consenso, que interessam a todo mundo, mas de um modo tal que não tocam nada de importante.” (BOURDIEU, 1997, p. 23).

O índice de audiência, medida que atualiza a lógica do mercado em relação às produções televisivas, se traduz na pressão da urgência: o tempo na TV é precioso, custa caro. Bourdieu (1997) opõe urgência e pensamento, na medida em que o que se busca na televisão é uma “comunicação instantânea” através da produção de “*fast-thinkers*”, “*fast-food cultural*”: ideias de lugar comum que, por sua natureza banal e convencional, são aceitas por todo mundo sem muito questionamento.

A futilidade do que se produz na TV é da maior importância “[...] porque ocupa tempo, tempo que poderia ser empregado para dizer outra coisa” (BOURDIEU, 1997, p. 23), ou seja, se justifica não pelo que se diz, mas pelo que deixa de ser dito. O que tem relação com o próprio funcionamento da linguagem, expresso a partir da máxima formulada por Pêcheux (2009 [1969]): “dizer X para não dizer Y”.

Uma vez que os sentidos das palavras não existem “em si mesmos”, mas mudam segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, elas derivam seus sentidos a partir das formações discursivas nas quais são produzidas. Definidas como aquilo que “[...] a partir de uma posição dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito.” (PÊCHEUX, 2009 [1969], p. 147), as formações discursivas se referem a certas formações ideológicas, ou seja, regionalizações da instância ideológica que comportam posições de classe.

Nessa concepção, a ideologia é considerada não como um conjunto de ideias, mas como práticas, que naturalizam os sentidos – sob a ilusão de “transparência

<sup>3</sup> Parte das reflexões apresentadas nesse artigo foram elaboradas na monografia intitulada “A TV e seus Casos de Família” (SILVA e TFOUNI, 2012), realizada como conclusão do programa de formação em pesquisa, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP), pela primeira autora.

<sup>4</sup> O horário de apresentação já oscilou entre 16 horas, 16h30min e 17 horas, chegando a ser veiculado às 18horas em certo período (GOMES, 2007)

da linguagem” – o que mascara o caráter material dos sentidos das palavras. Nesse mesmo movimento, produz-se a evidência do sujeito, como único, idêntico a si mesmo; o que oculta o processo de identificação-interpelação do qual ele emerge (PÊCHEUX, 2009 [1969]).

Através das evidências de sujeito e de sentido, há a dissimulação do efeito ideológico, uma vez que o assujeitamento se processa sob a aparência de autonomia:

[...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina [...] os elementos do interdiscurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito (PÊCHEUX, 2009 [1969], p.)

No entanto, a ação da ideologia se produz numa tensão na qual formações ideológicas dominantes se relacionam com “[...] uma série de efeitos ideológicos que emergem da dominação e que trabalham contra ela por meio das lacunas e das falhas no seio dessa própria dominação.” (PÊCHEUX, 2001 [1991], p. 97).

Através da análise do programa “Gravidez na adolescência”, pretendemos evidenciar de que maneira os participantes produzem discursos identificados com formações discursivas dominantes, mas que em diversos momentos – quando a irrupção do real de suas experiências de vida surge como acontecimento em seus depoimentos – o discurso se desloca para formações discursivas outras, abrindo espaço para a polifonia.

No entanto, essa abertura para outros e novos sentidos é todo momento controlada pela apresentadora, que “[...] manipula a urgência; utiliza-se do tempo, da urgência [...], para cortar a palavra, para apressar, para interromper.” (BOURDIEU, 1997, p. 46), estratégias que ajudam a conter os sentidos possíveis de serem produzidos, estabilizando-os.

### 3. O Programa “Gravidez na Adolescência”

O programa estudado foi exibido no dia 16 de agosto de 2010 e teve como tema “Gravidez na Adolescência”. Logo na apresentação do primeiro caso são produzidos alguns enunciados que serão retomados posteriormente:

Junto à imagem das primeiras convidadas aparece na tela um enunciado que resume a história a ser contada a partir do ponto de vista de uma delas: “*Minha sobrinha engravidou aos 13 anos por culpa da mãe dela*”. Ainda entrevistando as primeiras convidadas, a apresentadora define o que seria uma boa relação entre mãe e filha e formula o seguinte enunciado: “*Né, então, é por isso que as vezes é aquele equilíbrio, né, a mãe tem que ser amiga, mas também, ao mesmo tempo, impor limite, né*”. A apresentadora opõe a imagem de “mãe amiga” à de “mãe durona”, a partir do que outros adjetivos vão surgindo ao longo do programa: mãe rígida, general, severa e antiga.

Esses dois enunciados serão retomados, num movimento de paráfrase, pela apresentadora e pelas convidadas até o fim do primeiro bloco, no qual Christina Rocha se limitará a duas perguntas principais, que iniciam e conduzem os diálogos entre ela e algumas mulheres da plateia: “com quantos você engravidou?” e “como era a tua relação com sua mãe?”. Isso ajuda a manter os discursos no espaço do repetível, numa retomada constante do que já foi dito, não sem que, a partir das falas das mulheres entrevistadas, surjam algumas rupturas.

Vejamos como isso se processa no diálogo a seguir, entre a apresentadora e Jenifer, uma das mulheres da plateia entrevistada:

**Christina Rocha:** *Jenifer... com que idade você foi mãe?*

**Jenifer:** (Rindo) *Eu engravidei com 13 e ganhei com 14* (Murmúrios da plateia)

**Dona Altira (convidada sentada no palco):** *Meu deus!*

**Christina Rocha:** (para Dona Altira) *Ói, tomou distraída? Cê vê?* (voltando-se para Jenifer). *Menina, como é que foi, conta, como é que era tua relação, é...*

**Jenifer:** *Ah...*

**Christina Rocha:** *com a mãe, como é que era?*

**Jenifer:** *ah, com a mãe foi normal, né, só meu pai que ficou sem falar comigo...*

**Christina Rocha:** *mas como é que era ela na tua educação, ela era muito rígida, ela era assim, não impunha limites, nada?*

**Jenifer:** *Não, não, ela era normal, ela era...*

**Christina Rocha:** *Normal, como o que?*

**Jenifer:** *Ela dava conselho, mas...*

**Christina Rocha:** *Mas, assim, de deixar você sair?*

**Jenifer:** *Ela deixava, mas só que eu não gostava de sai* (pausa) *eu era mais caseira...*

**Christina Rocha:** *Era mais caseira, mas também quando saiu, foi sair de vez, né*

**Jenifer:** (Fala enquanto ri) *é*

**Christina Rocha:** *É, mas também experimentou o danado, gostou, né. É, mas também quando saiu, com 13 anos, né*

**Jenifer:** (rindo) *É...*

Nesse diálogo Jenifer recusa alguns sentidos oferecidos pela apresentadora, momentos nos quais seu discurso abre-se para polifonia, ou seja, para a emergência de novos sentidos – falar do pai e não da mãe, por exemplo, como na passagem em destaque – enquanto Christina Rocha, através de paráfrases, retoma os sentidos já estabilizados anteriormente, voltando ao campo do já dito. A maneira de Christina Rocha controlar a dispersão, que ameaça a se instalar a cada nova recusa de Jenifer, e retomar o controle da entrevista é através do deboche, a partir de uma metáfora que toma o “sexo” como “danado”.

Ao referir-se ao sexo, ou a sexualidade enquanto “danação” o deboche produzido pela apresentadora faz referência a discursos religiosos, que tomam o sexo a partir do registro da culpa e do pecado. Nessas formações discursivas, a “danação” nos remete a algo que foi condenado ao inferno, algo pervertido.

Nesse caso, a gravidez resultante de “experimentar

o danado” é significada a partir do que foi corrompido, danificado. Posteriormente iremos discutir como, ao longo do programa, a gravidez na adolescência é discursivizada como uma conduta desviante em relação ao que seria um modo de gestão de vida saudável, a partir do que essas mulheres estariam “condenadas” a sofrer sérios danos.

No diálogo apresentado a seguir, entre a apresentadora e Ana, novamente uma das mulheres da plateia, é possível evidenciar uma das maneiras de se produzir o que Bourdieu chama de “*fast-thinkers*”, através da utilização de genéricos discursivos (TFOUNI, 1992); bem como a produção de discursos ora identificados com formações discursivas dominantes, ora com formações discursivas outras, que emergem de forma marginal:

**Christina Rocha:** *Como é que era a tua mãe, como é que era tua, ãn...*

**Ana:** *Ah, ela era muito severa, né, na época ela era muito severa, muito general também, tanto que por isso que a gente num... ouve a mãe, não ouve o pai, e acaba fazendo besteira mesmo*

**Christina Rocha:** *Você acha então que quando a mãe no caso prende muito, prende que eu digo, assim, aquela confiança, é igual a um passarinho, que quando solta vai voando que..*

**Ana:** *Provavelmente eles querem fazer escondido.*

**Christina Rocha:** *Foi o que aconteceu com você?*

**Ana:** *Com certeza!*

**Christina Rocha:** *Você acha que foi por isso que você engravidou, no caso...*

**Ana:** *Não, simplesmente na... nu... comigo foi diferente, eu já... a... me amiguei cedo e depois eu tive minha filha. Então, com quatorze anos...*

**Christina Rocha:** *Com 14 anos?*

**Ana:** *com 14 anos*

**Christina Rocha:** (a apresentadora tira o microfone que estava direcionado a Ana e fala, enquanto gesticula) *Meu deus do céu! cê amiga com 14 anos! Eu cê... me amigava com boneca (Ana ri) Já pensou você se amigar com... é... gente! cê se amigo?*

**Ana:** *Me amiguei*

**Christina Rocha:** *Mas tua mãe deixou?*

**Ana:** *Não, é, ela ficou mais ou menos um ano, dois anos sem ..., com raiva de mim, sem falar comigo, né*

**Christina Rocha:** *Ah, mas então você enfrentou?*

**Ana:** *Enfrentei, enfrentei...*

**Christina Rocha:** *Mas se ela fosse general mesmo cê não ia ter, cê não ai ter coragem, né, de...*

**Ana:** *Mas eu tive que sair, dentro de casa, ela não aceitaria de jeito nenhum (nesse momento a apresentadora passa a entrevistar outra mulher da plateia)*

As passagens em destaque indicam a presença de uma forma discursiva genérica: “Quando a mãe prende muito / o filho vai querer fazer escondido”, que, nesse caso, funciona como uma explicação de senso comum para a gravidez na adolescência. Os genéricos discursivos são definidos por Tfouni (1992) como fórmulas genéricas que codificam valores e crenças de uma cultura em “fórmulas encapsuladas”, eles se materializam discursivamente sob a forma de provérbios, ditos populares, palavras de ordem, etc.

Caracterizados pela seguinte estrutura linguística:

“Todo x é y”, os genéricos discursivos acabam por construir um caráter de universalidade, ou seja, fazem parecer que o que se afirma é uma verdade válida em todos os mundos possíveis. (TFOUNI, 2010; TFOUNI e TFOUNI, 2007) A eficácia dessas fórmulas genéricas como “*fast-thinkers*”, está no fato de que:

[...] por condensarem [...] um imaginário social dominante e determinante de certas posições de sujeito, esses genéricos criam sítios de significação, ou lugares do interdiscurso (da memória do dizer) que irão produzir uma ilusão de que na sociedade não existem conflitos nem contradições, e que há uma comunhão universal de idéias, o que ajuda à manutenção do “status quo” (TFOUNI e TFOUNI, 2007, p. 14)

A inserção de genéricos discursivos ao longo do programa é uma estratégia de aproximação entre a apresentadora e as pessoas entrevistadas, e principalmente em relação ao telespectador, já que eles funcionam como uma forma de mostrar que o que está sendo dito é compartilhado socialmente. É interessante notar que nesse momento do diálogo a formulação do genérico é expressamente compartilhada entre a apresentadora e a entrevistada: a resposta de Ana complementa a pergunta de Christina Rocha, estabelecendo uma ilusão de concordância entre as duas.

Os genéricos não se originam no sujeito, mas no interdiscurso, portanto encontram-se no espaço do repetível (TFOUNI, 2005). Nesse caso, a formulação do genérico é feita justamente num momento em que os enunciados produzidos pela entrevistada se caracterizam por serem paráfrases dos sentidos já estabilizados ao longo do programa: Ana qualifica a própria mãe como severa, general – adjetivos já produzidos durante a exposição do primeiro caso – e ajuda a produzir um genérico discursivo que culpa a mãe pela gravidez da filha.

Essa linearidade aparente – que torna a discussão palatável, fácil de entender e de concordar – é quebrada quando a entrevistada passa do genérico para o particular e fala de sua própria experiência: “*Não, simplesmente na... nu... comigo foi diferente*”. Esse é um momento de deriva, pois há uma quebra na linearidade do discurso e falta ao sujeito à próxima palavra na cadeia discursiva. A deriva abre a possibilidade de dispersão, ou seja, a emergência de sentidos diferentes (TFOUNI, 2005).

Tfouni (2005) caracteriza a deriva como um acontecimento, definido por Pêcheux (1997) como a emergência de algo novo que clama por um sentido: é a irrupção do real, nesse caso o real da experiência de vida de Ana, que fura a linearidade do diálogo e abre a possibilidade da emergência de sentidos novos: “*eu já... a... me amiguei cedo e depois eu tive minha filha*”, ou seja, a possibilidade de significar a própria maternidade da entrevistada de outras maneiras, que não uma “*besteira*”, algo inesperado ou indesejado.

A apresentadora responde com um deboche. Ao enunciar “*Eu cê... me amigava com boneca*” ela remete

a outra ideia genérica de que “criança/menina brinca de boneca”, o que causa o riso da própria entrevistada: um riso que cala, uma vez que impede a emergência de outros sentidos. No mesmo movimento, a apresentadora impede a dispersão e retoma sentidos antes estabilizados: a entrevista volta a ser construída a partir do tema “relação mãe-filha”.

Para Bourdieu (1997) o acesso à televisão só se dá a partir de uma grande censura, uma perda de autonomia, pelo fato de que “[...] o assunto é imposto, de que as condições da comunicação são impostas e, sobretudo, de que a limitação do tempo impõe ao discurso restrições tais que é pouco provável que alguma coisa possa ser dita.” (p.19).

Nesse caso, há algo que não pode ser dito, é o que foge as formações discursivas dominantes no programa, e que se relaciona com outras formas de significar a gravidez na adolescência: não como um equívoco, um desvio do que seria um desenvolvimento normal, mas como algo desejável, o que seria próprio de outras formações discursivas que emergem de forma marginal ao longo do programa.

#### 4. “Eu tenho sete filhos, mas se pudesse voltar, não teria nenhum”

Durante o programa estabelece-se uma tensão, uma contradição constante na qual a gravidez na adolescência aparece ora como uma exceção – uma conduta desviante em relação ao que seria um padrão de normalidade, portanto, patológica –, ora como um acontecimento tão frequente quanto comum. Essa contradição surge logo no início, no começo do primeiro bloco, quando Christina Rocha introduz o tema do dia:

(...) hoje um vou falar de uma coisa séria. Normalmente nós quando a gente, quando a gente é mãe, né, no meu caso eu já sou mãe graças a Deus, é, você imagine o que, né, seu filho, ou sua filha se formar, e depois casar, depois ter filho. Mas as vezes isso não acontece, né. E de repente, gravidez a gente vê com pessoas de catorze anos de idade, quinze anos de idade. E de repente quando nasce, primeiro é o choque, mãe to grávida, meu deus do céu! primeiro é aquele estado de choque, depois é a preparação

Nesse momento o sentido atribuído à maternidade é o de uma condição bastante desejada, uma graça de Deus, mas que teria como pré-condições – de acordo com um padrão de normalidade – a formação escolar e o casamento. O que “às vezes” foge a essa regra seria uma chocante exceção. Exceção que se mostra, logo depois, quando Christina Rocha interroga a plateia, nem tão incomum:

(...) Alguém de vocês engravidou cedo? Tem alguém que engravidou...(A câmera foca na plateia e algumas mulheres levantam a mão) Olha quanto... uma, levanta mãe, duas, levanta mesmo assim, você, você, quantos anos você tinha? 14! Meu Deus. (Foco na apresentadora) Então hoje a plateia vai participar mesmo, viu Dona Altira (falando para a convidada no

palco) Pra você vê que não é a só a senhora que esta enfrentando isso.

A partir daí, durante todo o programa, além dos convidados no palco, Christina Rocha entrevista diversas mulheres da plateia. Diante da grande quantidade de mulheres que se dispõe a dar seu testemunho, o que é apontado inicialmente como uma exceção, contraditoriamente também é discursivizado como algo corriqueiro:

I. (início do terceiro bloco): Nós estamos aqui conversando né, sobre esse tema tão atual que vem acontecendo muito, né, sempre aconteceu, mas hoje é impressionante, é, mães que, né, adolescentes mesmo, com 14, 15 anos são mães. E só na plateia, essa aqui, essa aqui, essa aqui já falou né. (...)

II. (meio do terceiro bloco): Obrigada, obrigada pelo... E fora gente, quem não quis falar, porque tem muita gente que fica assim, que fica meio sem graça, né, e não quer falar. Mas isso é tão comum. Olha! Tem mais gente aqui! Vamo lá! (palmas da plateia)

A gravidez na adolescência, mesmo aparecendo no discurso da apresentadora como algo que “sempre aconteceu”, que é “tão comum” não deixa de ser considerada “impressionante”. Esse extraordinário no ordinário, o que impressiona no que é tão frequente, toma o sentido, no discurso da psicóloga do programa, Anahí, de algo que “acomete” muitas pessoas justamente por seu caráter patológico, epidêmico:

**Christina Rocha:** *E no Brasil tem muito disso, né?*

**Anahí:** *Nossa, mas demais da conta! Tá uma epidemia Christina, o negócio tá, tá seriíssimo, sabe, eu acho que devia fazer, alguém, o governo, não sei quem, as escolas, pais, bairros...”*

Em outro diálogo entre a apresentadora e Anahí a gravidez na adolescência é novamente definida como uma conduta desviante, com graves consequências, em contraste com o que seria uma ordenação natural, um modo de gestão da vida considerado saudável:

**Christina Rocha (meio do segundo bloco):** (...) *quando a pessoa é mãe mais cedo, sabe porque, é como se a gente tivesse pulado um degrau, sabe com é que é? Tem vários degraus na vida, né, tem a infância, a adolescência, pré-adolescência, adolescência, é a curtidão, de namoro, não é? Ai começa a trabalhar... na, na, na, então quando a pessoa é mãe é como se fosse um elo, a corrente, como se a pessoa tivesse quebrado os elos, sabe como é? Daqui já passado... né, então perde um pouco da, da sequencia da vida mesmo né*

**Anahí:** *das fases da vida.*

**Christina Rocha:** *Das fases da vida*

**Anahí:** *Queima várias etapas e isso é irreversível. É, por isso que a gente vê às vezes mulheres de 30, 40 anos adolescentes, quando a filha tá na adolescência ela revive, revive não, ela vai viver a adolescência que ela não teve, ai fica tudo fora de ordem, de sequencia.*

O termo “fases da vida”, por fazer parte de uma semântica técnica e ter sido usado por uma profissional, que figura como uma representante da ciência, legitima a construção de um discurso que toma a gravidez na

adolescência como uma conduta desviante. Depois desse diálogo a apresentadora passa a perguntar para as mulheres entrevistadas: “se você pudesse voltar atrás, teria engravidado?”, todas respondem que não, se dizendo arrependidas. No entanto, o que é significado como um erro, motivo de arrependimento, insiste em aparecer na fala das entrevistadas como algo comum em suas famílias:

**Silvia:** *É... e a minha (filha) ela tinha 16 anos, né, ela começou namorar aos 14*

**Christina Rocha:** *Com a mesma pessoa?*

**Silvia:** *É, e aos 16 ela engravidou, e hoje ela tem 23. E ela tá com ele, até hoje.*

**Christina Rocha:** *Graças a Deus, né, um final feliz*

**Silvia:** *É, eu não pus pra fora...*

**Christina Rocha:** *Mas as vezes não é um final feliz como foi para a sua filha*

**Silvia:** *É, porque também aconteceu comigo, só que eu já tinha 19, né, e eu tive apoio da minha família, né, então...*

Nunes (2010, 2012) identifica a emergência de discursos que, no Brasil, tomam a gravidez na adolescência como um problema de saúde pública a partir da década de 1980. A autora chama a atenção para um deslocamento nas formações discursivas relacionadas ao tema, uma vez que até meados do século XX a maternidade antes dos 20 anos, quando inserida em um projeto matrimonial, era muito bem vinda, uma expectativa: “[...] moças com mais de 20 anos, sem perspectiva de casamento, eram vistas como encalhadas, sendo aos 25 consideradas solteironas.” (NUNES, 2010, p.3).

Durante séculos, a gravidez no início da vida reprodutiva foi um lugar comum, já que ser mãe, historicamente, era considerado um destino feminino ideal. No entanto, a partir das últimas décadas do século XX, ocorre uma mudança: a maternidade vai se transformando em um projeto altamente investido racional e tecnologicamente, como parte de um planejamento no qual passam a pesar fatores como a colocação no mercado de trabalho, a conclusão dos estudos, a estabilidade do casal, a preocupação com recursos disponíveis para proporcionar uma boa educação à prole; o que resulta no aumento da idade de procriação (NUNES, 2010)

Esse novo ideal de maternidade é mais compatível com a modernidade. Bauman (2005) define a modernidade como “uma condição da produção compulsiva e viciosa de projetos” (p.41) a partir dos quais se travaram diversas batalhas entre diferentes e competitivos “deuses”, ou seja, entre projetos de vida ideais. No entanto, o autor afirma que havia a concordância de que uma “boa sociedade” moderna seria construída pela existência de postos de trabalhos que proporcionassem uma função produtiva para todos. O aumento da idade de procriação das mulheres as inclui nesse projeto.

No entanto, as mudanças que nos levam de uma “sociedade de produtores” para uma sociedade de consumo, redefinem o valor de cada um por sua capacidade de consumir: o emprego das pessoas na produção deve

se traduzir em consumo. Se na modernidade a noção de desemprego sugeria uma condição de desigualdade, a contemporaneidade, por sua vez, produz a noção de “consumidores falhos”: são pessoas consideradas um problema financeiro, já que sua incapacidade de consumir resulta que precisam ser providas, em geral pelo Estado, por lhes faltarem os meios de subsistência (BAUMAN, 2005).

Enquanto que, na sociedade moderna de produtores, havia uma função útil como exército de reserva para os desempregados; na sociedade de consumo, os consumidores falhos já não têm mais um lugar garantido. Bauman (2005) aponta que o destino dado a eles é o de “refugo humano”: são pessoas consideradas extranumerárias, sua incapacidade de consumir e fazer parte da sociedade de consumo fazem delas um excedente desnecessário e custoso.

Nesse sentido, as preocupações com a superpopulação, segundo Bauman (2005) dizem respeito à parição desses consumidores falhos, pessoas que não tem dinheiro para ampliar a capacidade do mercado consumidor. O que é incompatível com a preocupação acerca do impacto da humanidade sobre a possibilidade de vida na Terra, uma vez que ele não é determinado pelo número de pessoas que vivem no planeta, mas por seus hábitos de consumo:

(...) a fecundidade “deles” é a perdulária, já que coloca uma pressão excessiva, insustentável, sobre “o sistema de sustentação da vida” deles, que despendem energia e outros recursos que, em vez disso, deveriam ser drenados para sustentar o nosso modo de vida, cada vez mais voraz e sedento de combustível. São “eles”, portanto, que superpovoam o planeta. (BAUMAN, 2005, p.59)

Não por acaso, os discursos, calcados em concepções médicas e psicológicas, que passam a atribuir a gravidez antes dos 20 anos riscos físicos e psíquicos, também se apoiam em concepções sociológicas que associam o fenômeno à pobreza, à marginalidade social e à desestruturação familiar. No entanto, há nas famílias das camadas populares uma grande valorização da maternidade: a partir da precariedade de ofertas que poderiam ampliar as possibilidades de projetos de vida, a maternidade é ainda um elemento fundamental em suas redes de arranjos domésticos, sendo fonte de prestígio social e uma “[...] forma de subjetividade privilegiada dentro de um quadro de restritas oportunidades sociais [...]” (NUNES, 2012, p. 10)

É esse pano de fundo que possibilita a produção de um diálogo como esse, dentro do programa estudado:

**Christina Rocha:** *(...) Evocê meu amor? pra terminar aqui...*

**Maria Aparecida:** *Eu sou a Maria Aparecida...*

**Christina Rocha:** *Tudo bem? Como é que foi seu caso?*

**Maria Aparecida:** *Eu... o meu caso, eu engravidei quando eu tinha 16 anos, eu já morava com, com o moço, né, e...*

**Christina Rocha:** *Mas você... também poderia, se tivesse que voltar, se pudesse voltar?*

**Maria Aparecida:** *Não, se eu pudesse voltar eu não teria, eu tenho sete filhos, mas (a apresentadora afasta*

o microfone de Maria Aparecida, que sorri. A plateia vai e a apresentadora ri e gesticula, a câmera passa pela plateia que vai e aplaude. A apresentadora volta o microfone para Maria Aparecida, que ainda está rindo) *Eu não teria nenhum. Nenhum mesmo, porque é muita responsabilidade...*

**Christina Rocha:** *Sete camisinhas que furaram?*

**Maria Aparecida:** *Não, eu não me prevenia mesmo.*

**Christina Rocha:** *Cê não prevenia?*

**Maria Aparecida:** *Porque eu tomava remédio, passava mal e... eu também tenho uma filha que ela tinha 15 anos e ela teve... ficou grávida! Namorando... aconteceu de engravidar*

**Christina Rocha:** *E você? O que você achou?*

**Maria Aparecida:** *Eu dei apoio.* (A câmera corta a cena e aparece a imagem da plateia, que bate palmas)

As passagens em destaque são um retorno a algo que já foi dito no programa, ou seja, significar a maternidade na adolescência como uma forma de “pular etapas” da vida, o que seria uma fonte de arrependimento. Além disso, a justificativa de que sete filhos são “muita responsabilidade”, o que implica uma dimensão financeira: Maria Aparecida se identifica com essa formação discursiva dominante de que seus filhos - por precisarem serem providos, serem um problema financeiro - os define como “pessoas redundantes”, são as “vidas desperdiçadas” de que nos fala Bauman (2005). A interpelação ideológica, através da re-inscrição desse interdiscurso no próprio discurso da convidada, se processo sob a aparência de autonomia. (PÊCHEUX, 2009 [1969]).

Nessa situação, como em tantas outras ao longo do programa, os sentidos estabilizados e dominantes indicam as respostas esperadas e os sentidos possíveis de serem produzidos. A reação inicial das entrevistadas é acatar e confirmar esses sentidos, mesmo que posteriormente apresentem um discurso com sentidos opostos, numa posição de resistência. No entanto, o que se apresenta é uma tentativa de conformar os dois sentidos, como se não houvesse contradição.

## 5. Visibilidade Espetáculo

Segundo DeCerteau (1994), o relato é uma forma de articulação do corpo a um texto social, no âmbito de uma economia escriturística, que ele define como a produção de um padrão de leitura linear, a partir de uma razão técnica imposta aos modos cotidianos de saber, que se traduz num texto social geral fundado em leis abstratas (TFOUNI e PEREIRA, 2009).

Através da economia escriturística a ideologia dominante se transforma em técnica, num trabalho que se esforça para colocar o corpo – social e individual – sob a lei da escritura. Para o autor a imprensa representa uma das formas de articulação do texto ao corpo, destacando-se a importância do relato:

Noutras palavras, o discurso normativo só “anda” se já houver se tornado relato, um texto articulado em cima do real e falando em seu nome, isto é, uma lei histórica

e historicizada, narrada por corpos. Sua fixação em um relato é o dado pressuposto para que produza ainda relato fazendo-se acreditar[...] (DeCERTAU, 1994, pp. 241-242)

A partir da análise do programa “Gravidez na Adolescência”, procuramos evidenciar de que forma o programa *Casos de Família* vai enquadrando os depoimentos dos convidados e conformando-os àquilo que lhe define um discurso social, baseado em uma razão técnica que toma a gravidez na adolescência como um problema de saúde pública.

*Casos de Família* coloca em cena um discurso aparente polifônico, onde diversas vozes se fazem presentes, produzindo um efeito de sentido de democratização da fala, como se o programa oferecesse um espaço para o debate. No entanto, nota-se durante todo o programa a manipulação do discurso dos participantes entrevistados pela apresentadora, ou através das reações da plateia – rindo, aplaudindo ou vaiando – o que indica quais são os sentidos possíveis de serem produzidos naquele contexto, e que estão de acordo com uma ideologia dominante e de senso comum. O resultado é um fechamento dos sentidos, numa produção contínua do mesmo, da repetição.

Mas porque todas essas mulheres oferecem suas histórias – e a si mesmas – para serem discursivizadas pelo programa de uma forma tão homogeneizante?

Há um sofrimento de ser escrito pela lei do grupo, mas que, segundo DeCerteau (1994), vem acompanhado de um prazer de ser reconhecido (mesmo que não se saiba por quem), de se tornar legível numa língua social. Além disso, nas sociedades contemporâneas de massa a importância do reconhecimento se atrela a valorização da visibilidade.

Funcionando a partir da lógica do que “*o que aparece é bom; o que é bom aparece*”, as sociedades contemporâneas de massa são definidas por Debord (1997[1967]) como sociedades espetaculares. O espetáculo – que tem os meios de comunicação como uma de suas formas de expressão –, mais do que um conjunto de imagens, é a relação social entre pessoas mediada por imagens.

Pelo espetáculo, tudo o que era vivido diretamente, tende a tornar-se uma representação, na qual a realidade é considerada parcialmente, mas se apresenta como numa unidade (DEBORD, 1997[1967]). Nesse sentido, a espetáculo tem a função de unificar uma sociedade fundamentalmente dividida em classes. No caso das contemporâneas sociedades de consumo, a divisão que se evidencia pelo programa estudado é a que separa as pessoas que tem ou não tem poder de consumo, a partir do que elas podem ser consideradas redundantes, extranumerárias.

Maria Rita Khel (2004) destaca que o sujeito, nas sociedades de massa, se vê desgarrado de diversas referências comunitárias, não tendo mais um lugar seguro garantido pela tradição: no anonimato da vida nas grandes cidades ele corre permanentemente o risco de viver a vida

toda sem ser “ninguém”, ou seja, sem estar visível para os outros, sem estar incluído numa narrativa que registre sua passagem pelo mundo.

É através do mecanismo de identificação com a imagem de um líder, ou de um ídolo pop, por exemplo, que a insignificância pública dos homens nas sociedades de massa é compensada (KHEL, 2004). Essa identificação é promovida pela TV na medida em que ela dá – em conjunto com outras mídias –, cada vez mais, visibilidade a aspectos cotidianos e íntimos da vida de suas personagens, de seus artistas, jornalistas e “anônimos” que ganham destaque ao participarem de reportagens, *talk shows*, *reality shows*, etc. Isso se dá em favor de uma visibilidade que é altamente alienante, como nos alerta Debord:

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos ele vive; quanto mais ele aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo (DEBORD, 1997 [1967], p. 24)

## Referências

- ADORNO, Theodor. W.; HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural: O iluminismo como mistificação de massa* (1947). In: T. Adorno et al., comentários e seleção de Luiz Costa Lima, Teoria da cultura de massa. São Paulo: Terra e Paz, p. 169-214, 2000.
- BAUMAN, Zigmunt. *Vidas desperdiçadas*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Tradução, Maria Lúcia Machado – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo* (1967). Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DeCERTEAU, Michel. *A economia escriturística*. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RP: Vozes, p. 221-275, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Historia da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa albuquerque e J. A. Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- GOMES, Elisa da Silva. *Casos de Família: a conjugalidade nas antenas da TV*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, RJ, 2007.
- KEHL, Maria Rita *O espetáculo como meio de subjetivação*. In E, Bucci; M. R., Kehl, Videologias: ensaios sobre a televisão. São Paulo: Boitempo, 2004, pp. 43-62
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1969). Campinas: Editora UNICAMP, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O discurso: Estrutura ou acontecimento?* Campinas, SP: Pontes Editora, 1997.
- PÊCHEUX, Mihel; GADET, Françoise. *A língua inatingível*. (1991) In: ORLANDI, E.P. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Campinas-SP: Pontes, 2011.
- TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e analfabetismo*. 1992. Tese (Livre-docência). Universidade de São Paulo, USP, Ribeirão Preto, SP.
- \_\_\_\_\_. *Letramento e autoria: uma proposta para contornar a questão da dicotomia oral/escrito*. Revista AN-POLL, n°18, p. 127 – 141, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Letramento e Alfabetização*. Cortez Editora, São Paulo, 2010.
- TFOUNI, Leda Verdiani; PEREIRA, Anderson Carvalho. *Letramento e formas de resistência à economia escriturística*. Fórum linguístico, Florianópolis, v.6, n.2, 2009.
- TFOUNI, Fábio Elias Verdiani; TFOUNI, Leda Verdiani. *Entra burro; sai ladrão: o imaginário sobre a Escola materializado nos genéricos*. Linguagem em (Dis)curso, v. 7, n.2 2007.
- MARZOCHI, Ilana Feldman. *Paradoxos do visível: reality shows, estética e biopolítica*. 2007.
- Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Informação e Comunicação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2007.
- NUNES, Silvia Alexim. *Problematizando a gravidez na adolescência*. Revista Epos (Eletrônica), v. 1, p. 73 – 82, 2010.